

Quafiy

Archipelagus 7448  
Infularū

Zipangū

Chamaho

Panuco Inf. To

f. donum

Catigara

In Cifony





## Os Jesuítas e a Nobreza Cristã do Sul do Japão

MADALENA RIBEIRO\*

Uma das estratégias missionárias delineada pelo fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola (1491-1556), consistia no estabelecimento e desenvolvimento, sempre que possível, de relações próximas com os poderes político-sociais dominantes dos locais onde os jesuítas se estabeleciam. Em Portugal, esta linha de orientação, a par da confiança que os monarcas depositaram em alguns jesuítas, levou a que estes ocupassem importantes cargos e funções no meio cortesão, num curto período de tempo, como o de confessores e directores espirituais ou mestres e preceptores da família real e de várias figuras da corte. Simão Rodrigues de Azevedo (1510-1579), o primeiro membro da Companhia de Jesus a trabalhar ininterruptamente em Portugal, foi não só confessor e próximo de várias figuras da alta nobreza do reino – como D. António de Ataíde, conde de Cantanhede, e D. João de Lencastre, duque de Aveiro – mas também, e por nomeação régia, preceptor e confessor do herdeiro do trono português, o infante D. João (1538-1554), filho de D. João III.<sup>1</sup> De acordo com as directrizes de Loyola a Rodrigues de Azevedo, e mais tarde repetidas a outros confrades, os jesuítas não deveriam aspirar a altos cargos, funções ou dignidades religiosas, mas também não os deveriam recusar quando ofertados pelos soberanos. Neste caso estavam, porém, proibidos de solicitar favores ou benesses dos poderes dirigentes

para a Companhia ou para eles próprios. Com esta política de aproximação ao poder vigente, Inácio de Loyola tinha como propósito levar a cabo uma profunda reforma religiosa dos vários grupos sociais a partir das elites e em estreita colaboração com elas.<sup>2</sup> Assim, a par deste trabalho de assistência e acompanhamento das classes dirigentes, os jesuítas iniciaram o seu labor junto da população do reino, com o desenvolvimento das suas iniciativas missionárias, caritativas e educativas.<sup>3</sup>

No Japão podemos detectar o desenvolvimento de uma estratégia de evangelização focada na elite dirigente.<sup>4</sup> Logo nos primeiros anos em que Francisco de Xavier (1506-1552) delineou algumas das linhas-mestras da acção missionária no arquipélago, os jesuítas aperceberam-se de que uma parte significativa do seu sucesso junto de alguns grupos sociais dependeria do tipo de acolhimento e favorecimento que lhes fosse dispensado pela elite guerreira, os *buke*, a única com poder *de facto* no Japão de meados do século XVI. O contexto de guerra civil (*sengoku*) que o arquipélago vivia no momento da chegada dos jesuítas, em 1549, e o facto de a sua mensagem, propagandeando uma religião exclusivista e universal, afrontar o sistema religioso local, tornaram fundamental a demanda de protectores no seio da aristocracia guerreira.

O modelo de actuação dos jesuítas foi, pois, delineado em função da realidade política, social e militar específica com que se depararam e fazia-os privilegiar uma aproximação à aristocracia guerreira. O labor junto dos *buke* não deve, no entanto, ser entendido como um

\* Mestre em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa. Investigadora do Centro de História de Além-Mar da mesma Universidade.

M.A. in History of the Age of Discovery and the Portuguese Expansion from Lisbon's Universidade Nova. Researcher at the Centre for Overseas History at the same University.

Pormenor de um mapa da Ásia (princípios do século XVI), com a ilha de Zipangri (a Cipango de Marco Polo). Sebastian Munster, *Cosmographiae Universalis, Lib. VI*, Basileia, 1559.

## HISTORIOGRAFIA

fim em si mesmo. Se numa primeira fase do processo missionário num território os padres privilegiavam o trabalho junto dos senhores locais, era para assegurar a aquiescência dos mesmos quando se iniciasse a missão geral das populações locais. Por outro lado, como notou Neil Fujita, procuravam tirar proveito da influência e capacidade de persuasão dos guerreiros junto dos respectivos vassallos, beneficiando, mas também dependendo, da estrutura social feudal.<sup>5</sup>

Após o baptismo do senhor de um território, seguia-se, caso um conjunto de circunstâncias o permitisse, o baptismo das populações locais. A situação inversa demonstra, simultaneamente, a validade da teoria: em zonas onde os jesuítas não converteram o poder político-militar, ou não adquiriram sequer a simpatia e benevolência das autoridades, a missão definhou e/ou desapareceu, como aconteceu em Yamaguchi (província de Suo, no Sul da ilha de Honshu) e Kagoshima (província de Satsuma, no Sul da ilha de Kyushu). Este processo de conquista das elites locais foi moroso; durante muitos anos a sua conversão permaneceu inatingível, dificultando consideravelmente o trabalho junto da restante população. Uma excepção ocorreu em Hirado (província de Hizen, no Noroeste de Kyushu), onde, até finais dos anos 50 de Quinhentos, os jesuítas baptizaram os membros da linhagem Koteda e todos os seus vassallos.

A estratégia de actuação dos padres – a conquista das elites dirigentes – passava pelo aproveitamento das redes de parentesco que ligavam as linhagens dos guerreiros. Dependendo das circunstâncias, nomeadamente da conjuntura político-militar local e/ou da querença dos guerreiros, os missionários foram bem ou mal sucedidos.

Ao analisar a documentação jesuíta, vemos que as redes de parentesco podiam ter consequências distintas no trabalho que os padres levavam a cabo. Ligações entre linhagens cristãs e outras não cristãs podiam redundar na propagação do cristianismo para novas linhagens e espaços de missão, com a evangelização dos domínios dos novos conversos, ou podiam resultar simplesmente na cristianização de novas linhagens mas não dos seus territórios. Em ambos os casos estamos perante duas situações de expansão da religião caras aos padres. No entanto, das ligações entre cristãos e não cristãos também podia resultar o contrário: um baptizado podia abandonar o cristianismo ou, em casos extremos e raros, podia-se assistir ao fecho de uma missão. Num

meio-termo encontramos situações em que os jesuítas, apesar das suas tentativas, não beneficiaram das redes de parentesco mas também não saíram lesados.

Um outro tipo de uniões era aquele em que se ligavam duas linhagens já cristãs; destas, os missionários esperavam o estabelecimento ou o reforço dos laços político-militares entre os envolvidos e, do ponto de vista religioso, o fortalecimento do cristianismo no seu seio e nas populações dos seus domínios. Estas uniões, por ligarem e/ou consolidarem os laços entre cristãos foram desejadas e, sempre que possível, incentivadas pelos jesuítas.

As relações existentes ou estabelecidas entre casas nobiliárquicas podiam, pois, ter consequências no processo de evangelização do Japão. Para além dos vínculos de consanguinidade e filiação, as ligações matrimoniais e as adopções, passíveis de unir ou reforçar os laços entre duas casas, foram meios privilegiados na concretização desta estratégia. Na realidade, as alianças matrimoniais e as adopções<sup>6</sup> eram práticas largamente utilizadas para o estabelecimento de alianças político-militares entre as linhagens de *bushi*. O contexto de guerra civil vivido no Japão até finais do século XVI, com os inúmeros e intermináveis conflitos entre as várias casas militares, tornavam estas alianças, muitas das vezes flutuantes e instáveis, ainda mais prementes.

Neste artigo, tomando como objecto de análise a aristocracia guerreira da ilha de Kyushu – a mais meridional das grandes ilhas do arquipélago – procurámos ver a forma como os missionários beneficiaram, ou não, das redes de parentesco da nobreza local. A escolha desta área geográfica, prende-se com a enorme importância que a ilha de Kyushu teve no contexto das relações luso-nipónicas dos séculos XVI e XVII. Com efeito, foi nos seus ancoradouros, nomeadamente no da cidade de Nagasáqui,<sup>7</sup> que a nau do trato (*kurofune*) atracou durante o tempo que os comerciantes foram autorizados a operar no Japão. Ao mesmo tempo, foi em Kyushu que a presença dos missionários da Companhia de Jesus, apadrinhada pela aristocracia guerreira e vários outros membros das suas linhagens, se fez sentir com mais intensidade e foi mais duradoura. Primeira ilha onde os missionários europeus se estabeleceram foi, durante o período de permanência oficial dos jesuítas no Japão (1549-1614), o principal foco de irradiação do cristianismo.

O sucedido entre as linhagens Koteda e Ichibu de Hirado são um bom exemplo – a que poderíamos

## HISTORIOGRAPHY

juntar outros – de como os missionários não descuraram as ligações de parentesco entre as casas militares. Beneficiando, simultaneamente, de uma conjuntura político-militar favorável, os jesuítas lograram neste caso a expansão do cristianismo para uma nova linhagem e espaço de missão.

Apesar de a documentação jesuíta não o comprovar, é plausível que os primeiros contactos entre os missionários e alguns membros dos Koteda tenham decorrido na mesma altura em que os religiosos iniciaram contactos com Matsuura Takanobu (1529-1599), dáimio de Hirado, nos últimos meses de 1550. Com a anuência do dáimio, os jesuítas fundaram uma missão nos seus domínios; no entanto, a partir dos finais dos anos 50 (1558), a expansão e a sustentação desta missão passou definitivamente para as mãos de uma outra casa militar, vassala dos primeiros, os Koteda. Descendentes de um ramo colateral dos Matsuura, os Koteda detinham uma posição de destaque na pequena corte dos senhores de Hirado.<sup>8</sup>

Os primeiros membros da linhagem a receber o baptismo em 1553 foram dois irmãos: Koteda Yasutsune António (?-1582), herdeiro da casa, e João Koteda, do qual apenas conhecemos o nome adoptado por ocasião do baptismo.<sup>9</sup> Cinco anos depois, em 1558, juntou-se-lhes o resto da casa na mesma altura em que os seus vassalos, dispersos por Ikitsukijima e Takushima, eram alvo dos primeiros baptismos em massa da história japonesa.<sup>10</sup> O português Gaspar Vilela (1526-1572), à frente de uma equipa de missionários, foi o responsável por este esforço evangelizador. Como é sabido, a propagação do cristianismo no Japão foi quase sempre realizada, em simultâneo, com ataques aos sistemas religiosos locais, sobretudo ao Budismo. Sempre que os senhores locais o permitiam, os templos budistas e os mosteiros xintoístas eram destruídos e os religiosos locais expulsos ou convertidos. A acção de Vilela em Ikitsukijima não foi excepção e, durante o tempo que aí esteve, adaptou três pagodes budistas a igrejas.

Exceptuando um pequeno período, entre 1558 e 1564, em que os jesuítas não foram autorizados por Matsuura Takanobu a trabalhar em Hirado, até ao final do século XVI (1599), altura em que os Koteda se exilaram, funcionou em Hirado uma pequena missão para apoio dos cristãos locais. Em 1565, o número destes aumentou com o baptismo dos habitantes de Ichibu, um pequeno feudo em Ikitsukijima que estava então sob a égide de João Koteda. Na qualidade de

segundogénito, João estava, por princípio, excluído da sucessão da casa e herança dos bens paternos.<sup>11</sup> Assim, nos inícios da década de 60 de Quinhentos, ligou-se a uma outra estirpe local pelo duplo vínculo do matrimónio e da adopção: casou com a filha do senhor de Ichibu e foi adoptado como herdeiro pelo sogro.<sup>12</sup> O seu novo nome passou a ser Ichibu Kageyu João. Ora, pouco depois, em 1565, o cristianismo acabou por se expandir para Ichibu com o baptismo das suas gentes.<sup>13</sup> Baltasar da Costa (c.1538-?), superior da residência de Hirado desde o ano anterior, e Juan Fernández (1526-1567) foram os responsáveis pela catequização dos habitantes de Ichibu.

Doravante, os Koteda e Ichibu foram os principais suportes dos padres em Hirado, responsáveis não só pela expansão, como pela conservação da missão nesta área da província de Hizen. Mais tarde, as relações entre as duas casas seriam reforçadas por um outro casamento, desta feita do herdeiro de João, Baltasar Ichibu, com uma neta de António Koteda.<sup>14</sup>

Depois destas duas fases de expansão – primeiro com a conversão dos vassalos dos Koteda (1558) e, após esta, das gentes de Ichibu (1565) – o cristianismo em Hirado conheceu uma segunda etapa, caracterizada por um baixo número de baptismos, praticamente restringidos aos filhos dos já convertidos, e um constante trabalho de formação e assistência junto dos cristãos. Este labor junto dos já baptizados permitiu que, décadas mais tarde, a comunidade cristã sobrevivesse à expulsão dos padres, primeiro de Hirado (1599) e depois do Japão (1614). O apoio destas linhagens foi tanto mais importante quanto as relações dos jesuítas com o dáimio local foram sempre pautadas por alguma tensão e conflituosidade. Como registava Cosme de Torres (1510-1570), em 1565, Matsuura Takanobu “não hé amigo da Llei de Deus nem nosso”.<sup>15</sup> Na realidade, o poder político de Hirado não favoreceu a expansão da missão. Embora os Matsuura tolerassem os jesuítas, a ponto de permitirem a sua presença, as suas atitudes acabaram por bloquear o trabalho dos padres que permaneceu praticamente circunscrito aos domínios das duas casas militares referidas.

O sucedido entre os Koteda e os Ichibu é um claro exemplo de como as ligações existentes entre linhagens podiam resultar no alargamento da esfera de acção dos padres. Noutros casos, porém, o aproveitamento das ligações familiares limitou-se à cristianização de parentes pois, por circunstâncias diversas, a conjuntura local não

## HISTORIOGRAFIA

permitiu a abertura de missões nas suas terras. Foi o que aconteceu com a linhagem Ito da província de Hyuga (no Leste de Kyushu). Ligados por via matrimonial aos Otomo de Bungo – cujo chefe da casa era o dáimio cristão Otomo Yoshishige Francisco (1530-1587)<sup>16</sup> – o baptismo de vários membros desta casa aconteceu numa conjuntura extremamente favorável aos padres, em que o cristianismo conhecia um momento de expansão no seio da classe guerreira de Bungo. Com efeito, pelos finais dos anos 70 e inícios de 80 de Quinhentos, não só Otomo Yoshishige já abraçara o cristianismo (em 1578), como vários dos seus familiares, nomeadamente os descendentes, e membros da nobreza local tinham sido baptizados ou encontravam-se em vias de o ser. Refugiados em Bungo desde 1578, os Ito não foram uma excepção.

Nos inícios de 1578, fugindo da expansão dos Shimazu para Hyuga,<sup>17</sup> os Ito abandonaram a sua província e encontraram asilo junto dos Otomo<sup>18</sup> com os quais, como já foi referido, eram aparentados. Com efeito, o velho chefe da linhagem, Ito Yoshisuke (1513-1585), casara uma das irmãs do dáimio Otomo Yoshishige.<sup>19</sup> Durante o tempo que viveram em Bungo, entre 1578 e 1587, os Ito contactaram com os jesuítas – que desde 1553 aí trabalhavam numa série de missões – e, vários deles acabaram por abraçar o cristianismo. Os primeiros a serem baptizados, em 1581, foram os dois primos e netos do velho Yoshisuke: Ito Sukekatsu (c.1567-1593), logo Jerónimo, e Ito Sukemasu (c.1570-1612), doravante Mâncio. Enquanto Jerónimo foi encaminhado por Alessandro Valignano (1539-1606) para o seminário de Azuchi, onde viveu um curto período de tempo, Mâncio integrou a famosa delegação japonesa à Europa, em substituição do primo Jerónimo.<sup>20</sup> Seguiu-se, pouco depois, a conversão das respectivas mães e alguns irmãos.<sup>21</sup>

A quase inexistência de dados concretos sobre as conversões de Jerónimo e Bartolomeu contrasta com as inúmeras referências ao baptismo do herdeiro deposto de Hyuga – “irmão de Ieronimo & primo de Mancio”<sup>22</sup> – Ito Yoshikata Bartolomeu (c.1564/65-1593), sensivelmente na mesma altura em que um dos

filhos do dáimio de Bungo, Otomo Chikamori Pantaleão, se convertia em 1582.<sup>23</sup> Uma última referência a baptismos nesta linhagem surge para 1586, quando um dos filhos segundos do velho dáimio de Hyuga, de nome Ito Suketake – que participava na campanha de submissão da ilha liderada por Toyotomi Hideyoshi (1537-1598), a fim de tentar reaver os antigos domínios de seu pai – abraçou o cristianismo,<sup>24</sup> numa decisão a que não foi alheia a influência de um outro guerreiro, Kuroda Yoshitaka Simão (1546-1604), baptizado no ano anterior, também a instâncias de outros guerreiros.<sup>25</sup>

Até à referida campanha militar, os Ito viveram em Bungo, o que permitiu aos jesuítas aprofundar a formação e prestar assistência aos conversos que assim o desejassem. Depois, quando em 1587, Toyotomi Hideyoshi entregou um pequeno domínio em Hyuga (Obi) a Ito Suketake, parte da linhagem regressou à província de origem.<sup>26</sup> Com efeito, tanto Bartolomeu como Jerónimo foram colocados ao serviço do tio Suketake.<sup>27</sup> O primeiro destes guerreiros, Bartolomeu, consorciou-se, cerca de dois anos depois (c.1589), com Regina, filha do falecido Otomo Yoshishige, união que para os jesuítas significou a esperança de conseguirem entrar numa área que, não obstante a cristianização das elites locais, permanecera até então cerrada às suas actividades.<sup>28</sup>

Na realidade, apesar da conversão de Ito Suketake e do facto de vários dos seus parentes serem cristãos, nunca os jesuítas missionaram nos territórios do guerreiro. É plausível que um ou outro religioso tenha visitado a zona a fim de assistir os cristãos; mas nunca se fundaram residências ou igrejas nem se missionou no seio das gentes de Obi. O casamento de Regina Otomo e Bartolomeu Ito não alterou a situação. Parece-nos que depois da promulgação do édito de Hakata (25 de Julho de 1587), o recém-baptizado Ito Suketake optou por manter uma atitude cautelosa face ao cristianismo. Não existem notícias de que tenha abandonado a religião, o que os padres podem naturalmente ter omitido nas missivas, nem existem



Otomo Yoshishige Francisco

## HISTORIOGRAPHY

referências a missões itinerantes a Obi, excluindo a notícia duma visita efectuada durante a guerra na Coreia, em que, portanto, Ito Suketake estava ausente das suas terras.<sup>29</sup>

Nem sempre as ligações entre a nobreza japonesa resultaram em benefício da cristandade. Algumas vezes os missionários tentaram, mas não conseguiram beneficiar das redes de parentesco, o que mostra que a utilidade das ligações familiares para a missão não era sempre fiável. Outras vezes, a expansão do cristianismo saiu francamente prejudicada: por vezes, com o abandono da religião por parte de membros das linhagens cristãs, outras vezes, ainda mais nefastas, com o abandono do cristianismo por parte de toda a estirpe e o encerramento das missões nos territórios controlados por ela.

O casamento a unir os Omura e os Ryuzoji, duas linhagens estabelecidas na província de Hizen, é um dos poucos casos mencionados nas missivas dos jesuítas de uma ligação que resultou no abandono do cristianismo por parte de um baptizado. O facto de ser um dos raros casos – referenciado de uma forma claramente indirecta – nas cartas dos missionários não nos deve levar a pensar que foi uma situação excepcional. Como é sabido, os objectivos propagandísticos e didácticos do epistolário produzido pelos membros da Companhia de Jesus e destinado a publicação, condicionava o tipo de informações que deveriam compreender. Deste modo, notícias que prejudicassem a imagem de uma missão bem sucedida ou que fossem menos edificantes para os leitores eram omitidas. Para mais, no presente caso, para além do provável abandono do cristianismo por parte da filha de Sumitada, não houve repercussões de maior monta no trabalho dos padres. A opção nestes casos era claramente o silêncio.

Em 1570, sete anos depois do baptismo de Omura Sumitada Bartolomeu (1533-1587), juntou-se-lhe a mulher e descendentes.<sup>30</sup> A fragilidade da posição política e militar do senhor de Omura relativamente a alguns vassallos e vizinhos é, geralmente, apontada pelos historiadores como uma das razões que o levaram a apadrinhar a religião dos *nanbanjin*. Os missionários da Companhia de Jesus seriam um potencial elo entre o guerreiro e os comerciantes portugueses, que todos os anos se deslocavam ao Japão, e que o abasteceriam de material bélico e, simultaneamente, proporcionariam alguma prosperidade comercial aos seus territórios, pela transacção de uma série de outros produtos.<sup>31</sup>



Ito Sukemasu, Mâncio.

Omura Sumitada foi bem sucedido neste propósito, já que foi nos seus domínios que se desenvolveu e prosperou a principal base japonesa dos comerciantes lusos, Nagasáqui. Todavia, os historiadores também são unânimes quando referem que, independentemente dos motivos que nortearam o seu baptismo, Sumitada permaneceu próximo de alguns jesuítas – nomeadamente do português Afonso de Lucena (1551-1632), superior da missão de Omura durante várias décadas, e do japonês Nicolau de Yamaguchi (c.1522-1599), que, depois de admitido na Companhia, viveu quase sempre nesta zona.

As cartas dos jesuítas são profícuas em referências, algumas extensas e pormenorizadas, à debilidade militar de Omura Sumitada e às ameaças, conspirações e conflitos protagonizados por outros guerreiros como Goto Takaakira,<sup>32</sup> Saigo Sumitaka<sup>33</sup> e Matsuura Takanobu, para apenas citarmos alguns dos seus tradicionais inimigos.<sup>34</sup> Com a ajuda militar e logística dos portugueses, o senhor de Omura foi vencendo estes

## HISTORIOGRAFIA

guerreiros. Contudo, o apoio dos europeus já não se mostrou suficiente para travar a expansão militar de Ryuzoji Takanobu (1529-1584), daimio de Saga, que vencendo, intimidando ou aliando-se com os vários daimios e *kokujin* de Hizen havia obtido o controlo da província nos finais dos anos 70.<sup>35</sup>

Em 1580, após algumas incursões de Ryuzoji Takanobu em Omura, Sumitada, incapaz de o vencer, acabou por se lhe submeter e prestar um juramento de vassalagem.<sup>36</sup> Nesse ano, acompanhado por vários familiares e vassallos, Sumitada deslocou-se ao castelo de Saga, a fim de estabelecer um acordo de paz entre as duas casas. O pacto estabelecido foi selado com o casamento de uma das filhas (cristãs) de Sumitada com um dos filhos do daimio de Saga, de nome Ryuzoji Ietane.<sup>37</sup>

O silêncio das missivas no que concerne a esta filha de Sumitada é total – nem o seu nome cristão nos é dado a conhecer – e a própria referência a Ryuzoji Ietane como genro de Sumitada é nos dada numa alusão indirecta de Luís Fróis (1532-1597), ao enumerar os guerreiros que acompanharam o daimio de Saga na batalha de Okidanawate, em 1584.<sup>38</sup> Tudo leva a crer que a filha de Sumitada foi baptizada com a família em 1570, e que o facto foi posteriormente silenciado pelos jesuítas.<sup>39</sup> Uma hipótese que explica este silêncio é que para casar com Ietane, tenha sido movida a abandonar o cristianismo. Por outro lado, o matrimónio unindo os Omura aos Ryuzoji, do ponto de vista dos jesuítas, era incómodo para ser referido nas missivas, especialmente naquelas destinadas a divulgação. Como explicar a todo um público europeu ávido de notícias nipónicas, mas ignorante da sua realidade, o casamento da filha de um dos principais senhores cristãos com o filho de alguém descrito como o “mayor inimigo que tem a Christandade”<sup>40</sup>? A estratégia dos missionários foi compreensivelmente o silêncio.

Um caso de contornos e consequências diferentes foi o que envolveu os Arima, casa militar da província de Hizen, e os xóguns Tokugawa. Uma aliança entre as duas linhagens foi estabelecida em 1612, numa altura em que os Tokugawa já tinham consolidado a sua hegemonia militar e política no arquipélago – através da batalha de Sekigahara, em 1600, na qual derrotaram os apoiantes do sucessor de Toyotomi Hideyoshi, e do estabelecimento de uma nova casa xogunal, em 1603. Por esta altura, os Tokugawa encontravam-se a desenvolver uma teia de relações de parentesco com as principais casas senhoriais japonesas por forma a

consolidar a sua posição dominante no arquipélago.<sup>41</sup> A presença da Igreja no Japão também conheceu uma viragem estrutural com a ascensão desta nova linhagem xogunal.<sup>42</sup> Tokugawa Ieyasu (1542-1616) aceitou e tolerou a presença de jesuítas até 1614, devido ao papel de intermediários que estes desempenhavam no comércio com os portugueses de Macau.<sup>43</sup> No entanto, implementou progressivamente um conjunto de legislação que visava impedir a expansão do cristianismo e minorar a influência dos padres em algumas comunidades cristãs. Em 1603 emitiu um decreto que proibia o baptismo de membros da nobreza; um diploma semelhante foi promulgado decorridos três anos.<sup>44</sup> No final da década, as pressões mantinham-se como refere João Rodrigues Girão (1558-1629) na carta anual de 1608.<sup>45</sup>

A aliança estabelecida entre os Tokugawa e os Arima, em conexão com uma conjuntura extremamente desfavorável aos padres – nomeadamente a descoberta de um caso de corrupção que lesava os interesses dos Tokugawa e cujos protagonistas eram dois cristãos, Arima Harunobu Protásio (1567-1612) e Okamoto Daihachi (?-1612) – levou não só ao abandono do cristianismo por parte da linhagem Arima, como ao fecho da missão na península de Takaku e ao início das primeiras perseguições a cristãos, promovidas pelo daimio apóstata. Os acontecimentos que culminaram com o fim desta missão – a única missão de Kyushu com alguma “antiguidade” que ainda permanecia activa – tiveram o seu início nos inícios da segunda década do século XVII.

Em 1612, foi descoberta uma fraude engendrada por Arima Harunobu Protásio com o apoio e participação activa de Okamoto Daihachi – secretário de Honda Masazumi (1566-1637)<sup>46</sup> – a quem o daimio de Arima subornou com presentes e dinheiro. O objectivo de Harunobu era aumentar os seus domínios pela posse de dois territórios, Isahaya e Kojiro.<sup>47</sup> De resto, este último, situado no Norte da península de Takaku, fizera parte do património fundiário dos Arima até um passado recente; em 1587, na sequência da redistribuição territorial de Kyushu, Toyotomi Hideyoshi retirara-a da alçada dos Arima. O daimio Harunobu não desistiu de reaver as terras e subornou Okamoto Daihachi para que este obtivesse do xógum retirado (*ogoshi*) as necessárias cartas patentes e registos cadastrais a fim de tomar posse dos domínios.<sup>48</sup>

## HISTORIOGRAPHY

Enquanto decorriam as negociações secretas entre Harunobu e Daihachi, Tokugawa Ieyasu, na sequência de mais uma manobra política para ligar os dáimios à sua casa, e desta forma os controlar, deu em casamento uma sua bisneta, Kunihine (neta de Tokugawa Nobuyasu, primogénito de Ieyasu), ao herdeiro do dáimio de Arima, Naozumi Miguel (1585-1641).<sup>49</sup> Esta ligação implicou uma primeira ruptura com a Igreja da parte de Naozumi, cisão de que Tokugawa Ieyasu estava certamente consciente ao promover a aliança. Ao ligar-se a Kunihine o guerreiro violava um importante preceito cristão uma vez que já era casado com Marta Konishi, filha do falecido Konishi Yukinaga (c.1556-1600), um dos derrotados de Sekigahara. A posterior descoberta da burla engendrada por Arima Harunobu agravou ainda mais a situação. Mateus de Couros (1569-1632), levanta a hipótese de Naozumi, desavindo com o pai por este tardar em lhe entregar o governo da casa, ter denunciado ou ter feito denunciar os negócios fraudulentos em que Harunobu se envolvia.<sup>50</sup> Fosse como fosse, os dois infractores foram condenados à morte: Okamoto Daihachi foi queimado vivo em Abril de 1612, e o dáimio de Arima foi executado por um criado depois de se recusar a praticar *seppuku*, dois meses depois.<sup>51</sup>

O facto dos protagonistas deste caso de corrupção serem cristãos exacerbou ainda mais o poder central contra os missionários. Uma série de medidas tomadas contra os jesuítas e os cristãos nos meses seguintes, culminou em Janeiro de 1614, na expulsão dos religiosos europeus do arquipélago. Quanto a Arima, não foi preciso esperar pelo édito de expulsão para se assistir ao fecho da missão pois Ieyasu, em 1612, apenas autorizou Arima Naozumi a regressar aos seus domínios na condição do dáimio abandonar o cristianismo. À sua chegada, em Junho desse ano, a missão foi encerrada: o dáimio confiscou os bens da Igreja e expulsou os religiosos.<sup>52</sup> Por esta altura, iniciaram-se as primeiras pressões sobre cristãos, tendo como alvo preferencial a nobreza local. Um dos irmãos do dáimio (André), juntamente com mais duas figuras locais, foi encarregue de pôr em marcha a operação. Mateus de Couros admite que muitos dos nobres não resistiram à pressão, acabando por abandonar o cristianismo; aqueles que resistiram saíram de Arima, alguns provavelmente em direcção a Nagasáqui.<sup>53</sup> No mês seguinte assistiu-se à primeira condenação à morte de um japonês, a primeira de uma longa série de martírios promovidos pelo dáimio

com o objectivo de erradicar o cristianismo dos seus territórios.<sup>54</sup> Mal sucedido na política de extermínio da religião, Arima Naozumi, acabou por ser transferido para Nobeoka, na província de Hyuga, em 1616.<sup>55</sup>

Se as ligações entre linhagens que proporcionaram a expansão do cristianismo junto de novas casas nobiliárquicas e a abertura de novos espaços de missão foram um dos grandes trunfos dos jesuítas, o mesmo podemos dizer das ligações estabelecidas entre estirpes cristãs, que possibilitaram o estabelecimento ou reforço dos laços entre irmãos na Fé. Um dos melhores exemplos desta dinâmica relatados pelos jesuítas foi o casamento entre Omura Yoshiaki Sancho e Catarina de Arima realizado em 1588/1589. O primeiro era o herdeiro do já referido Omura Sumitada Bartolomeu; Catarina, por seu turno, era irmã de Arima Harunobu Protásio. Na realidade, este consórcio inseria-se numa estratégia duradoura de alianças entre as duas casas. A título de exemplo, refira-se a adopção de Arima/Omura Sumitada, por nascimento um membro da linhagem Arima, por Omura Sumiaki (?-1551), bem como o casamento deste com uma Arima.<sup>56</sup> Apesar destas ligações sabemos da existência de contendas e conflitos entre as duas linhagens, quer entre Omura Sumitada e o seu irmão Arima Yoshisada, quer posteriormente com o seu sobrinho, Arima Harunobu.

Um destes conflitos ocorreu em 1586, nas vésperas de Toyotomi Hideyoshi invadir Kyushu, e foi originado por um litígio entre as duas casas pela posse de uma parcela de terra.<sup>57</sup> Nesse ano, Omura Sumitada Bartolomeu invadiu Uchime-Hokame, territórios que tradicionalmente faziam parte do património fundiário dos Omura, que estavam na posse do seu sobrinho, Arima Harunobu Protásio.<sup>58</sup> A guerra, que implicou a presença de cristãos em campos de batalha opostos, a digladiarem-se por um território igualmente povoado por cristãos, não foi do agrado dos missionários, nomeadamente do vice-provincial Gaspar Coelho (1531-1590). O jesuíta, por esta altura, procurava congregar os senhores cristãos numa aliança militar com o fito de derrotar os Shimazu de Satsuma, cujo processo de conquista de Kyushu se encontrava em rápida expansão e conclusão, ameaçando um sem número de missões.

Uns anos depois desta guerra, os Omura e os Arima reforçaram as suas relações com o casamento, combinado e negociado pelo dáimio cristão Konishi Yukinaga Agostinho,<sup>59</sup> entre Omura Yoshiaki e a irmã

## HISTORIOGRAFIA

do dáimio de Arima. A este propósito Gaspar Coelho escreveu: “Dom Sancho Vòmùrandono filho de dom Bertalameu que Deos aja primo de dom Protasio casou agora com huma irmã do dito dom Protasio, parecendo mui bem isto ao padre Vice prouincial [o próprio Gaspar Coelho], & a todos, pera que com este nouo parentesco se tornassem estes senhores muito mais a ligar, & dom Protasio tanto mais tomasse a cargo de ajudar, & fauorecer a dom Sancho, o qual por ficar agora sem pai<sup>60</sup> & ser mui moço, & de pouca experiencia tinha necessidade pera conseruarse no seu estado de quem o fauorecesse & encaminhasse ...”<sup>61</sup>

Nesta afirmação encontra-se patente a ideia que os missionários tinham, e que foi sendo reforçada ao longo dos tempos, da estreita ligação e mútua dependência entre os territórios de Arima e Omura. A sua proximidade geográfica, as ligações familiares das linhagens dirigentes – à época, os dáimios destes territórios eram, simultaneamente, primos co-irmãos e cunhados –, o mesmo alinhamento político-militar em alguns momentos – apesar de noutros, como vimos, se encontrarem em facções opostas – e o proteccionismo dispensado aos religiosos terão contribuído para esta visão dos factos.

De acordo com as ambições de Gaspar Coelho, o casamento – protagonizado pelas duas casas que chefiavam as principais áreas cristianizadas de Hizen – era um passo para o reforço das ligações políticas entre os senhores de um espaço onde o cristianismo, não obstante a promulgação do decreto de Hakata em 1587, e o subsequente abandono temporário do cristianismo por parte dos senhores de Arima e Omura, não estava em regressão, antes pelo contrário. Na verdade, apesar da conjuntura adversa aos padres que se seguiu após a promulgação do referido decreto, o cristianismo conheceu alguns surtos expansionistas no Noroeste e Oeste da ilha de Kyushu.<sup>62</sup>

## CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que a estratégia missionária – a conquista das elites dirigentes – passou pelo aproveitamento das redes de parentesco que ligavam as linhagens dos guerreiros. Por intermédio destas conexões, os jesuítas procuraram expandir a sua esfera de acção, ou, quando as partes implicadas eram já cristãs, fortalecer os laços entre baptizados. Na realidade, estas redes familiares, nas circunstâncias

certas, provaram ser canais efectivos de difusão do cristianismo, não apenas através da penetração em novas linhagens, mas também abrindo novas áreas geográficas às actividades missionárias. Foi isto que sucedeu no caso dos Ito de Hyuga e dos Ichibu de Hirado.

Os jesuítas, no entanto, estavam também cientes do facto de que estes laços eram uma espada de dois gumes: se, por um lado, podiam facilitar a difusão da religião, por outro, podiam igualmente ajudar ao seu recuo. Quando isto acontecia, no melhor dos cenários, verificava-se apenas o abandono do cristianismo por parte de um ou outro converso, como ocorreu, muito provavelmente, com uma das filhas de Omura Sumitada; no pior dos casos, dava-se o abandono da fé cristã por um clã inteiro e o encerramento de missões, como aconteceu em Arima.

Se, para os jesuítas, as uniões entre cristãos e não-cristãos podiam resultar na difusão do cristianismo, as alianças entre conversos podiam ser uma maneira de reforçar a religião no seio dos clãs envolvidos. Por outro lado, de um ponto de vista político, constituíam um avanço na homogeneização dos interesses seculares dos senhores cristãos, com vista à criação de um bloco político-militar que servisse os interesses da Cristandade japonesa.

Depois de constatar a diversidade de consequências que as redes familiares tiveram no contexto das actividades missionárias no Japão, põe-se a questão de saber se, apesar de tudo, é possível determinar se as ditas redes tendiam a ser favoráveis ou prejudiciais ao trabalho dos missionários. Através da análise da documentação jesuítica parece possível concluir que, no geral, tenderam a ser favoráveis. É verdade que a predominância de descrições de situações favoráveis aos missionários pode ser explicada pelo objectivo dos jesuítas em providenciar relatos propagandísticos e didácticos da sua actividade no Japão. No entanto, como vimos, é sempre possível encontrar nestes mesmos relatos casos em que o estabelecimento de relações familiares se revelou prejudicial às actividades dos missionários. **RC**

*Nota da autora:* Neste artigo retomamos e sintetizamos algumas ideias apresentadas na nossa dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Séculos xv-xviii), *A Nobreza Cristã de Kyushu. Redes de Parentesco e Acção Jesuítica*.

## NOTAS

- 1 Cf. João Francisco Marques, “Confesseurs des princes, les jésuites à la Cour de Portugal”, in *Les Jésuites à l'Âge Baroque (1540-1640)*, ed. Luce Giard e Louis de Vaucelles. Grenoble: Jérôme Million, 1996, pp. 213-228. Para o monarca D. João III, responsável pela entrada da Companhia de Jesus em Portugal, veja-se a recente biografia de Ana Isabel Buescu, *D. João III*, col. “Reis de Portugal”, dir. Roberto Carneiro, coord. Artur Teodoro de Matos e João Paulo Oliveira e Costa. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2005.
- 2 Cf. *ibidem*, pp. 213-228.
- 3 Para a instalação dos jesuítas em Portugal veja-se Dauril Alden, *The Making of an Enterprise. The Society of Jesus in Portugal. Its Empire, and Beyond, 1540-1750*. Stanford: Stanford University Press, 1996, pp. 3-38. Para o trabalho desenvolvido pelos mesmos a partir do centro religiosos de Évora veja-se o trabalho de Federico Palomo del Barrio, *Fazer dos Campos Escolas Excelentes. Os Jesuítas de Évora e as Missões do Interior em Portugal (1551-1630)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003.
- 4 Cf. Ana Fernandes Pinto, “Japanese Elites seen by Jesuit Missionaries”, in *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, vol. 1, Dezembro de 2001, p. 29.
- 5 Cf. Neil Fujita, *Japan's Encounter with Christianity. The Catholic Mission in Pre-Modern Japan*. New Jersey: Paulist Press, 1991, pp. 249-250. Anos mais tarde, nas primeiras décadas do século XVII, o xogunato Tokugawa utilizou o mesmo sistema social para pôr progressivamente cobro à missão jesuíta. Tal como os religiosos concentrou, inicialmente, os seus esforços na nobreza, proibindo os seus membros de se converterem ao cristianismo ou eliminando política e socialmente aqueles que não renegassem esta religião.
- 6 Vínculo de filiação fictício, a adopção servia para assegurar a perpetuação de uma casa. Ao contrário do que sucedia na Europa, era uma estratégia hereditária alternativa bastante frequente no Japão. A modalidade mais comum era a adopção do genro ou de um membro da própria família (um neto ou colateral, por exemplo). Para a prática da adopção no Japão seguimos Patrick Beillevaire, “O Japão, uma sociedade do lar”, in André Burguière *et al.* (dir.), *História da Família*, vol. 2, *Tempos Medievais: Ocidente, Oriente*. Lisboa: Terramar, 1987, pp. 209-210.
- 7 Para Nagasáqui cristã, para além do breve e já datado estudo de Carlos Francisco Moura, veja-se o recente trabalho inédito de Helena Rodrigues, autora que a partir do riquíssimo fundo jesuíta da Biblioteca da Ajuda (Lisboa), do Archivum Romanum Societatis Iesu e da Real Academia de Historia (Madrid) estudou a origem e o desenvolvimento da urbe até à expulsão dos jesuítas. Cf. Carlos Francisco Moura, “Nagasáqui, cidade portuguesa no Japão” in *Stvdia*, n.º 26, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1969, pp. 115-148 e Helena Rodrigues, *Nagasaki Nanban. Das origens à expulsão dos Portugueses [Nagasaki Nanban. From Its Origins to the Expulsion of the Portuguese]*, Lisboa, 2006, exemplar policopiado, dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII), apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- 8 O primeiro membro dos Matsuura a adoptar o antropónimo Koteda foi o terceiro filho de Matsuura Toyohisa a quem foi concedido, pelos finais do século XV, o que constituiria parte dos domínios dos Koteda. Em 1541, após a morte do dáimio Matsuura Okinobu, foi Koteda Yasumasa que cuidou dos interesses da casa Matsuura durante a menoridade do herdeiro, Matsuura Takanobu. Com a ascensão de Takanobu, os Koteda foram recompensados com o aumento substancial dos seus domínios. Cf. Stephen Turnbull, *The Kakure Kirishitan of Japan. A Study of their Development, Beliefs and Rituals*. Avon: Japan Library, 1998, p. 28 e Alessandro Valignano S. J., *Sumario de las cosas de Japón (1583)*, ed. José Luis Alvarez-Taladriz. Tóquio: Universidade Sophia, 1954, pp. 94-95, nota 102.
- 9 O baptismo destes samurais encontra-se escassamente documentado dado que a maioria da correspondência referente a 1553 se perdeu. Para as razões que nos levam a apontar este ano como data verosímil veja-se Madalena Ribeiro, *A Nobreza Cristã de Kyushu. Redes de Parentesco e Acção Jesuítica*, dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em Julho de 2006 pp. 23-24, nota 13.
- 10 Cf. carta de Gaspar Vilela aos jesuítas de Goa. Funai, 1/9/1559 in *Documentos del Japón 1558-1562*, ed. Juan Ruiz-de-Medina S. J. Roma, 1995, vol. II, pp. 146-147.
- 11 O período da *sengoku jidai*, caracterizado por uma enorme conflituosidade e instabilidade político-militar, levou a que os chefes das casas militares preferissem a transmissão integral das suas propriedades a um único sucessor de modo a fortalecer a instituição doméstica e estabilizar a estrutura fundiária. Cf. Patrick Beillevaire, “O Japão, uma sociedade do lar”, in André Burguière *et al.* (dir.), *História da Família*, p. 198.
- 12 Cf. Alessandro Valignano S. J., *Sumario...*, p. 95, nota 103 e Stephen Turnbull, *The Kakure Kirishitan of Japan...*, p. 29.
- 13 Cf. carta de Juan Fernández aos padres e irmãos da Companhia de Jesus na China e Índia. Hirado, 23/9/1565 in *Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus escreverão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da Índia, & Europa, des do anno de 1549. até o de 1580. Primeiro tomo. Nellas se conta o principio, sucesso, & bondade da Christandade daquellas partes, & varios costumes, & idolatrias da gentildade. Impressas por mandado do Reverendissimo em Christo Padre dom Theotonio de Bragança Arcebispo d' Evora* [edição facsimilada da edição de Évora, 1598]. Maia: Castoliva, 1997, tomo I, fl. 200-201.
- 14 Cf. Luís Fróis S. J., *Historia de Japam*, ed. José Wicki S. J. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1976-1984, vol. V, p. 4.
- 15 Carta de Cosme de Torres a Jacome Laines. Kuchinotsu, 20/10/1565, in *Monumenta Historica Japoniae*, ed. Josef Franz Schütte S. J. Roma: Monumenta Historica S. I., 1975, p. 69.
- 16 Para as circunstâncias que antecederem o baptismo do dáimio de Bungo veja-se Arcadio Schwade, “D. Francisco de Bungo e o projecto de fundar uma cidade cristã em Hyuga”, in *Revista de Cultura*, 2.ª série, n.º 17, Outubro/Dezembro de 1993, Macau, pp. 41-48.
- 17 A expansão dos Shimazu em Kyushu foi travada apenas em 1587, quando Toyotomi Hideyoshi (1537-1598) invadiu a ilha e submeteu os seus senhores. Na altura, a posição dos Shimazu em Kyushu era praticamente hegemónica.
- 18 Cf. carta de Luís Fróis aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Portugal. Usuki, 16/10/1578, in *Cartas...*, tomo I, fl. 420; carta de Luís Fróis. Arima, 20/2/1588, in *ibidem*, tomo II, fl. 189; e Luís Fróis S. J., *Historia de Japam*, vol. III, pp. 17-18. Apesar dos missionários não fornecerem um rol completo da identidade dos exilados entendemos que terão ido para Bungo, pelo menos aqueles que mais tarde foram baptizados.
- 19 Cf. Alessandro Valignano S. J., *Sumario...*, pp. 102-103, nota 2. Ito Yoshisuke foi responsável pela primazia militar da sua linhagem em Hyuga, em meados do século XVI. Todavia, a partir dos anos 70, foi sendo progressivamente derrotado pelos Shimazu até que, em 1578, se viu forçado a refugiar-se em Bungo, renunciando aos seus domínios em benefício do sobrinho, Otomo Yoshimune (1558-1605), primogénito de Otomo Yoshishige. Morreu, em 1585, em Miyako. Cf. “Hyuga no kuni”, in *Dictionnaire Historique du Japon*. Tóquio/Paris: Maison Franco-Japonaise/Maisonneuve Larose 2002, vol. I, p. 1115 e Luís Fróis S. J., *Historia de Japam*, vol. III, p. 37.

## HISTORIOGRAFIA

- 20 Para a delegação japonesa à Europa o trabalho de referência continua a ser o de Diego Yuuki S. J., *Os Quatro Legados dos Dáimios de Quiuxu após Regressarem ao Japão*. Macau/Japão: Instituto Cultural de Macau/Embaixada de Portugal em Tóquio/Câmara Municipal de Ômura, 1990.
- 21 Um dos baptizados foi Justo, irmão de Ito Sukemasu Mâncio, que, por influência deste, frequentou o seminário mas ao contrário de Mâncio, ordenando sacerdote, em 1608, não abraçou a vida religiosa.
- 22 Carta ânuia do Japão de 1582. Luís Fróis, Kuchinotsu, 31/10/1582, in *Cartas...*, tomo II, fl. 56.
- 23 Foi baptizado por Francisco Cabral, antes de Setembro de 1582, data da carta em que o missionário refere o facto e que Luís Fróis cita. Cf. carta ânuia do Japão de 1582. Luís Fróis, Kuchinotsu, 31/10/1582, in *Cartas...*, tomo II, fl. 56.
- 24 Cf. Luís Fróis S. J., *Historia de Japam*, vol. IV, p. 282 e Alessandro Valignano S. J., *Sumario...*, pp. 102-103, nota 2.
- 25 Kuroda Yoshitaka era filho de Kodera Noritaka, senhor do castelo de Chogaku, na província de Harima, na ilha de Honshu. A partir de 1577, Yoshitaka e o pai começaram a apoiar as campanhas de Oda Nobunaga (1534-1582) e, posteriormente, de Toyotomi Hideyoshi. Yoshitaka esteve activo nas campanhas de Shikoku (1585) e Kyushu (1586-1587) e na guerra contra os Hojo (1590). Em 1587, Hideyoshi presenteou-o com um território na província de Buzen, no Nordeste de Kyushu. Apesar de se ter retirado em 1589 ainda participou nas duas campanhas coreanas e na batalha de Sekigahara. Nesta última, juntamente com Kato Kiyomasa, assegurou a submissão de Kyushu ao futuro senhor do arquipélago, Tokugawa Ieyasu. Foi baptizado, em 1585, influenciado por outros japoneses como Takayama Ukon, Konishi Yukinaga e Gamo Ujisato. O seu apostolado levou à conversão do filho, Kuroda Nagamasa Damião (1568-1623), de Otomo Yoshimune, Mori Hidekane e do já referido Ito Suketake. Cf. George Elison, “Kuroda Yoshitaka”, in *Kodansha Encyclopaedia of Japan*. Tóquio: Kodansha Ltd., 1983, vol. IV, p. 315 e “Kuroda Yoshitaka”, in *Dictionnaire Historique de Japon*, vol. I, p. 1691.
- 26 Cf. carta de Luís Fróis. Arima, 20/2/1588, in *Cartas...*, tomo II, fl. 199v e Alessandro Valignano S. J., *Adiciones al Sumário de Japón*, in Biblioteca da Ajuda, cód. 49-IV-56, fl. 123-123v.
- 27 Bartolomeu e Jerónimo eram sobrinhos e, simultaneamente, cunhados do novo dáimio de Obi já que este era casado (desde c. 1576) com uma irmã destes (cf. Alessandro Valignano S. J., *Sumario...*, pp. 102-103, nota 2). Na realidade, Toyotomi Hideyoshi presenteara Ito Suketake com um território em Hyuga, em detrimento do herdeiro natural da província, Bartolomeu, que o novo dáimio acabou por perfilhar (cf. carta ânuia do Japão de 1588. Gaspar Coelho, Katsusa, 24/2/1589, in *Cartas...*, tomo II, fl. 256v).
- 28 Cf. carta ânuia do Japão de 1588. Gaspar Coelho, Katsusa, 24/2/1589, in *Cartas...*, tomo II, fl. 256v.
- 29 Cf. carta de Francisco Pasio ao Geral da Companhia de Jesus. Nagasáqui, 20/10/1594, in Archivum Romanum Societatis Iesu (doravante ARSI), *Japonica-Sinica* 45-I, fl. 196v.
- 30 Para estes baptismos veja-se carta de Juan Fernández aos irmãos de Bungo. Yokoseura, 17/4/1563, in *Cartas...*, tomo I, fl. 117v; carta de Luís de Almeida aos irmãos da Índia. Yokoseura, 17/11/1563, in *ibidem*, tomo I, fl. 126; carta de Luís Fróis aos irmãos da Europa. Omura, 14/11/1563, in *ibidem*, tomo I, fl. 133-134; e carta de Melchior de Figueiredo aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Portugal. Omura, 21/10/1570, in *ibidem*, tomo I, fl. 297-297v.
- 31 Sobre Nagasáqui, o senhor de Omura e os missionários da Companhia de Jesus veja-se Jurgis Elisonas, “Conversions and Contradictions: Symbolic Trade in the Jesuit Colony of Nagasaki”, in Jorge M. dos Santos Alves (coord.), *Portugal e a China. Conferências no III Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI-XIX)*. Lisboa: Fundação Oriente, 2000, pp. 105-126.
- 32 Goto Takaakira era o herdeiro natural de Omura Sumiaki, pai adoptivo de Sumitada. Takaakira tinha sido, por sua vez, adoptado pelos Goto, uma outra linhagem de Hizen, vizinha de Omura. Nunca se conformou em ter sido preterido a favor de Sumitada e, ora fazia-lhe guerra, ora instava os vassallos de Sumitada a revoltarem-se. Cf. Jurgis Elisonas, “Christianity and the Daimyo”, in John Whitney Hall e James L. McClain, eds., *Cambridge History of Japan*, vol. IV, p. 324. Cambridge: Cambridge University Press, 1991,
- 33 Saigo Sumitaka, senhor de Isahaya, um pequeno domínio encravado entre Omura e Arima, era cunhado de Omura Sumitada (cf. Luís Fróis S. J., *Historia de Japam*, vol. II, pp. 378-379). Por esta altura, através da guerra e de alianças conjunturais, procurava alargar a sua base territorial à custa dos Omura e dos Arima.
- 34 A título de exemplo referimos o conflito em que Omura Sumitada se viu envolvido poucas semanas após o baptismo, e que se prolongou até ao Outono de 1564. Revoltas internas promovidas por alguns vassallos apoiados por Goto Takaakira, ocupação dos seus domínios, destruição da cidade de Omura e do porto de Yokoseura e o exílio do próprio Sumitada foram algumas das faces mais visíveis deste conflito. Cf. carta de Luís de Almeida aos irmãos da Índia. Yokoseura, 17/11/1563, in *Cartas...*, tomo I, fl. 129-131; carta de Luís Fróis aos irmãos da Europa. Omura, 14/11/1563, in *ibidem*, tomo I, fl. 135-136v; carta de Luís de Almeida aos irmãos da Companhia de Jesus na Índia. Bungo, 14/10/1564, in *ibidem*, tomo I, fl. 154v-155; e Luís Fróis S. J., *Historia de Japam*, vol. I, pp. 333-341.
- 35 Francisco Carréon (c. 1552-1590), em Dezembro de 1579, resumia a hegemonia do dáimio de Saga na província de Hizen nestes termos: “[N]este tempo dalguns annos pera cá o maior senhor de todo o Figem, [Hizen] que he ja quasi senhor de todo este reino, he hum gentio, chamado Riusóji [Ryuzoji], o qual de muito baixo ser se aleuoutou em tam alto que todos estes senhores de Figem, ou por amor, ou por força o reconhecem, por superior”. Carta ânuia do Japão de 1579. Francisco Carréon, Kuchinotsu, 10/12/1579 in *Cartas...*, tomo I, fl. 434.
- 36 Cf. Jurgis Elisonas, “Christianity and the Daimyo”, in *Cambridge History of Japan*, vol. IV, pp. 329-330. Antes de Omura Sumitada partir para Saga doou o porto e a cidade de Nagasáqui à Companhia de Jesus, contra as pretensões de Ryuzoji Takanobu que os pretendia para si. Esta doação, realizada a 9 de Junho de 1580, foi feita em estreita colaboração com os jesuítas, nomeadamente com o visitador Alessandro Valignano. Sobre este assunto veja-se George Elison, “The Donation of Bartolomeu: A Jesuit colony in Nagasaki”, in *Deus Destroyed. The Image of Christianity in Early Modern Japan*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1988, pp. 85-106.
- 37 Marina, Lúcia, Mécia e Tora são as filhas de Sumitada cujos nomes cristãos se conservam. Não sabemos qual delas, se foi efectivamente uma destas, casou com Ryuzoji Ietane. Não foram certamente Mécia, que mais tarde casou com o herdeiro dos Matsuuru, nem Tora, que desposou um dos vassallos do pai, Nagasaki Sumikage Bernardo. Para o casamento a ligar os Omura aos Ryuzoji veja-se carta ânuia do Japão de 1581. Gaspar Coelho, Nagasáqui, 15/2/1582 in *Cartas...*, tomo I, fl. 19. Nesta missiva, Gaspar Coelho refere, erradamente, que o casamento acordado era entre uma filha de Ryuzoji Takanobu e o filho herdeiro de Omura Sumitada. A informação de que o casamento era entre um filho de Ryuzoji Ietane e uma filha de Sumitada encontra-se numa carta jesuíta ulterior e numa crónica japonesa. Veja-se *Omura-ki* referida por Abranches Pinto e Yoshitomo Okamoto em Luís Fróis S. J., *Segunda Parte da Historia de Japam que trata das cousas, que soederão nesta V. Provincia da Hera de 1578 por diante, começando pela Conversão del Rey de Bungo (1578-1582)*, ed. João do Amaral Abranches Pinto e Yoshitomo Okamoto. Tóquio: Sociedade Luso-Japonesa, 1938, p. 168, nota 1 e carta de Luís Fróis ao Geral da Companhia de Jesus. Nagasáqui, 31/8/1584, in ARSI, *Japonica-Sinica* 9 II, fl. 273v.

## HISTORIOGRAPHY

- 38 Cf. carta de Luís Fróis ao Geral da Companhia de Jesus. Nagasáqui, 31/8/1584, in ARSI, *Japonica-Sinica* 9 II, fl. 273v. A batalha de Okidanawate – localidade algures entre Shimabara e Miye na península de Takaku (Arima) – travada a 4 de Maio, significou o fim da preponderância dos Ryuzoji no Noroeste de Kyushu. Nesta batalha os exércitos dos Ryuzoji enfrentaram e foram derrotados por uma coligação constituída pelas tropas de Arima Harunobu Protásio e Shimazu Iehisa (?-1587).
- 39 Se a mulher de Ryuzoji Ietane não tivesse sido porventura baptizada, teríamos então o primeiro exemplo de um membro dos Omura não convertido, uma hipótese que não nos parece verosímil. A não ser que o enlace já tivesse sido negociado em 1570, data em que toda a família de Sumitada foi baptizada, não havia razão para não o ter sido. Ora, sabemos, pelas fontes acima citadas, que o casamento apenas foi pensado em 1580.
- 40 Carta ânua do Japão de 1583. Luís Fróis, [Nagasáqui], 2/1/1584, in *Cartas...*, tomo II, fl. 91v.
- 41 Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa Lisboa, 1998, vol. I, p. 387.
- 42 Para as linhas gerais do Cristianismo no Japão nos inícios do xogunato Tokugawa veja-se Arcadio Schwade, “O Cristianismo no Japão durante o reinado de Tokugawa Ieyasu (1600-1616)”, in *O Século Cristão do Japão. Actas Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993)*, ed. Roberto Carneiro e A. Teodoro de Matos. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1994, pp. 459-475.  
Para uma análise da política do poder central japonês para com o cristianismo no contexto mais vasto da política de estado face a outros movimentos e organizações religiosas vejam-se os dois trabalhos de Peter Nosco: “Japanese Policy toward Religious in *The Christian Century*”, in *O Século Cristão do Japão...*, pp. 569-586 e “Early Modernity and the State’s Policies toward Christianity in 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> Century Japan”, in *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, vol. 7, Dezembro de 2003, pp. 7-21.
- 43 Em 1614, data em que o édito de expulsão dos jesuítas foi promulgado, os Tokugawa julgaram ter encontrado alternativas preferíveis aos comerciantes lusos, os holandeses. Em 1610, depois do incidente com o navio *Nossa Senhora da Graça* (ou *Madre de Deus*), João Rodrigues Tçuzzu fora afastado da corte xogunal e para o seu lugar Ieyasu escolheu um inglês ao serviço dos holandeses, William Adams. Antes, em 1609, já havia autorizado a fundação da feitoria holandesa em Hirado. Ora, por volta de 1612 a rota dos navios da Verenigde Oostindische Compagnie (VOC, Companhia Reunida das Índias Orientais) com destino a Hirado parecia definitivamente regularizada e, em 1613, um outro grupo de europeus, ingleses, estabelecia, também, um entreposto em Hirado. Para o enquadramento das actividades da VOC no Extremo Oriente na primeira metade do século XVII consulte-se Ernst van Veen, “VOC Strategies in the Far East (1605-1640)”, in *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Lisboa, vol. 3, Dezembro de 2001, pp. 85-105.
- 44 Cf. João Paulo Oliveira e Costa, *O Cristianismo no Japão...*, vol. I, pp. 374-375 e Michael Cooper, *Rodrigues, o Intérprete. Um Jesuíta no Japão e na China*. Lisboa: Quetzal, 1994, p. 215.
- 45 Cf. carta ânua do Japão de 1608. João Rodrigues Girão, Nagasáqui, 14 de Março de 1609, in ARSI, *Japonica-Sinica* 56, fl. 3v.
- 46 Masazumi serviu os Tokugawa. Em 1607, quando Ieyasu se retirou para Sumpu, foi nomeado seu ministro. O guerreiro foi um dos estrategas que engendrou o plano que levou ao fim de Toyotomi Hideyori, em 1615. Sete anos depois, entrou em desgraça sendo exilado para Dewa, onde morreu. Desde o início do governo de Ieyasu que os religiosos ocidentais encontraram nele um importante protector e intercessor junto de Tokugawa Ieyasu. Honda Masazumi foi, também, um dos grandes impulsionadores do comércio externo japonês. Cf. “Honda Masazumi”, in *Dictionnaire Historique du Japon*, vol. I, pp. 1043-1044 e Arcadio Schwade, “O Cristianismo no Japão...”, in *O Século Cristão...*, pp. 463-464.
- 47 Ambas as terras tinham sido entregues em 1587 a um dos filhos do falecido Ryuzoji Takanobu. Cf. carta de Luís Fróis. Arima, 20/2/1588, in *Cartas...*, tomo II, fl. 200 e carta ânua do Japão de 1588. Gaspar Coelho, Katsusa, 22/2/1589, in ARSI, *Japonica-Sinica* 45 II, fl. 139v.
- 48 Cf. carta ânua do Japão de 1612. Mateus de Couros, Nagasáqui, 12/1/1613, in ARSI, *Japonica-Sinica* 57, fl. 186.
- 49 Cf. *ibidem*, fl. 185v-186.
- 50 Cf. *ibidem*.
- 51 Cf. *ibidem*, fl. 185v-189. Para este caso de corrupção veja-se a síntese de Arcadio Schwade, “O Cristianismo no Japão...” in *O Século Cristão...*, p. 473.
- 52 Cf. Francisco Pires, “Pontos do que me alembra”, in *Monumenta Historica Japoniae*, p. 422.
- 53 Cf. carta ânua do Japão de 1612. Mateus de Couros, Nagasáqui, 12/1/1613, in ARSI, *Japonica-Sinica* 57, fl. 199v-202.
- 54 Cf. Juan Ruiz-de-Medina S. J., *El Martirologio del Japón 1558-1873*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1999, p. 316.
- 55 Cf. George Elison, “Arima Harunobu”, in *Kodansha Encyclopaedia of Japan*, vol. I, p. 83, Tóquio, Kodansha Ltd., 1983, e “Arima(-uji)”, in *Dictionnaire Historique du Japon*, vol. I, p. 60.
- 56 Cf. Diego Yuuki S. J., “O Daimyo Sumitada”, in *ICALP: Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*, n.º 12/13, Junho/Setembro de 1988, pp. 125-126.
- 57 A documentação é, compreensivelmente, quase omissa no que respeita a esta guerra. Ao que pudemos apurar, nem Luís Fróis na sua monumental obra lhe dedica uma linha; as missivas incluídas na conhecida edição de Évora também a ignoram. Apenas Afonso de Lucena e Francisco Pires dão algumas informações sobre a contenda. Cf. Afonso de Lucena S. J., *Erinnerungen aus der Christenheit von Omura. De algumas cousas que ainda se alembra o Pe. Afonso de Lucena que pertencem à christandade de Omura [1578-1614]*, ed. Josef Franz Schütte S. J. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1972, pp. 112-116 e Francisco Pires, “Pontos do que me alembra”, in *Monumenta Historica Japoniae*, pp. 397-398.
- 58 Após a batalha de Okidanawate, em 1584, na qual as forças lideradas por Ryuzoji Takanobu, que incluíam as hostes de Omura Sumitada, foram derrotadas pelos Arima e Shimazu, estes últimos entregaram a Arima Harunobu as terras de Uchime-Hokame subtraídas a Sumitada. Cf. Afonso de Lucena S. J., *Erinnerungen aus der Christenheit von Omura...*, pp. 112-114.
- 59 Cf. *ibidem*, p. 260.
- 60 Omura Sumitada morreu em Maio de 1587, quando Hideyoshi levava a cabo a campanha de submissão de Kyushu.
- 61 Carta ânua do Japão de 1588. Gaspar Coelho, Katsusa, 24/2/1589, in *Cartas...*, tomo II, fl. 245v.
- 62 Com efeito, a sul de Arima, no arquipélago de Amakusa, a conversão das elites locais conheceu um novo surto a partir de finais de 1587 e, três anos depois, encontrava-se terminada; o Sul de Higo, a oeste de Amakusa, fora entregue a um cristão, Konishi Yukinaga em 1588; no Noroeste de Hizen, a missão de Hirado sobrevivía, apesar do encerramento da residência e igreja na cidade de Hirado em 1587. Até o eterno enclave anti-cristão em Isahaya, entre Arima e Omura, estava prestes a desaparecer do mapa com a promessa de conversão do seu senhor, Saigo Sumihisa. Para o que ficou dito veja-se Madalena Ribeiro, *A Nobreza Cristã de Kyushu...*